



DOI 10.36638/1981-061X.2023.28.2.691

Itinerário e encontros com Marcuse, Lukács, Adorno¹ por Nicolas Tertulian

Mikaï Dinu Gheorghiu: *Nicolas Tertulian, você é um dos maiores conhecedores da obra de Georg Lukács. Poderia lembrar em primeiro lugar sobre suas atividades, ainda quando estava na Romênia, que o levaram a se interessar por sua obra [de Lukács]?*

TERTULIAN: No verão de 1969, o ministro da Educação nacional, Miron Constantinescu, decidiu fundar um Centro de Estética na Faculdade de Filosofia da Universidade de Bucareste. Uma vaga para professor titular e duas para assistente foram abertas para concurso. O Centro fazia parte do Departamento de Estética, cujo diretor era Ion Ianoși. Eu me apresentei para o concurso e, uma vez sendo candidato único, fui contratado sem nenhuma dificuldade para o cargo de professor titular. Foi-me pedido que ministrasse aos membros do departamento e aos estudantes uma aula tratando sobre “o problema do estilo”, temática à qual eu já havia dedicado diversos artigos. No decorrer dos meus oito anos como professor, eu organizei dois colóquios científicos, durante os quais apresentei palestras sobre a estética de Schopenhauer — o texto dessa palestra foi publicado em 1977 na minha obra *Experiență, artă, gândire*² [Experiência, arte, pensamento] — e sobre “Antropomorfização e desantropomorfização”, cujo texto foi retomado em meu livro *Critică, estetică, filozofie* [Crítica, estética, filosofia], publicado em 1972. Em 1972, eu defendi minha tese de doutorado no Instituto de Filosofia da Academia, sobre o tema *Benedetto Croce e Georg Lukács — ou sobre as relações entre estética e filosofia*, publicada no mesmo

¹Tradução feita a partir da edição em francês publicada em TERTULIAN, N. Itinéraire et rencontres avec Marcuse, Lukács, Adorno. [Entrevista concedida a] Mihaï Dinu Gheorghiu. Tradução para o francês de Lucie Guesnier. *Revue Actuel Marx*, Paris, v. 65, 2019, p. 135-148. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-actuel-marx-2019-1-page-135.htm>. Tradução para o português de Gabriella Segantini (mestranda em direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)). Revisão técnica por Ester Vaisman (Professora Titular aposentada do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)).

² As obras cujos nomes aparecem em francês ou na língua original não possuem ainda tradução para o português. Tomamos a liberdade de fazer a tradução livre dos títulos, que aparecem entre colchetes depois do título em língua estrangeira (N.T.)

ano sob o título *Critică, estetică, filozofie*.

Durante os anos 1974-1975, ministrei um curso de estética e sociologia da literatura para os estudantes da Faculdade de Filosofia. Tive a sorte de desfrutar de uma audiência de ótima qualidade durante o curso. Eram todos excelentes estudantes, o mais notável dentre eles foi certamente George Voicu, que dedicou sua monografia de conclusão de curso a Lucien Goldmann e, mais tarde, publicou alguns livros muito valiosos, dos quais um dentre eles é uma impactante radiografia crítica dedicada a Nae Ionescu, o mentor da “nova geração”³. Um outro aluno, Râpeanu, demonstrou reais qualidades de sociólogo. Para minha enorme surpresa, minha proposta de prosseguir com esse curso no ano seguinte foi recusada. A decisão partiu de um militante do Partido cuja função era exercer um controle ideológico na Faculdade de Filosofia. Eu pedi explicações a Petre Constantin, secretário da Propaganda na Prefeitura de Bucareste, sobre os motivos da interdição que acabava de ser anunciada. A resposta que me deu soou como um veredito: “Você não tem aprovação do Partido para ministrar esse curso”. Esse conflito teve lugar durante o outono de 1975. Lutei em vão para obter o direito de continuar a partilhar com meus alunos os resultados de minhas pesquisas na área de estética e de sociologia literária: eu havia publicado alguns livros e uma tese de doutorado cujos temas tratavam dessas temáticas, eu havia participado do Congresso Internacional de Estética de Upsala (1968), com uma palestra que constava nos Anais do Congresso, assim como no Congresso de Bucareste (1972), no qual, na qualidade de relator, eu havia sintetizado oito a dez comunicações. Mas foi uma causa perdida. Petre Constantin tomou nota de todos os meus argumentos e até mesmo me prometeu — não sem ironia — que leria minhas obras. Mas manteve-se firme em sua posição. Dois anos mais tarde, em 1977, foi-me anunciado que eu deveria deixar a Universidade, pois a vaga que eu ocupava até então seria suprimida. Em troca, ofereciam-me como única alternativa um cargo de

³ A Nova Geração romena (Geração de 1927, também conhecida como geração Criterion, embora existam distinções entre a geração Criterion e a Nova Geração) era composta por jovens intelectuais progressistas romenos, unidos por amizade e curiosidade intelectual. Apesar das tendências inicialmente progressistas do grupo, principalmente em 1932-33, diversos membros da Nova Geração foram atraídos pelo fascismo da *Garda de Fier* (Guarda de Ferro, também conhecida como Legião do Arcanjo Miguel) fundada em 1927 por Corneliu Cordreanu, gerando distensões internas e o eventual rompimento da geração Criterion. Exemplo disso foi o a hostilidade entre Mihail Sebastian e seu amigo Mircea Eliade, ambos integrantes da Nova Geração, em razão do envolvimento deste com a extrema-direita e de suas simpatias pela Guarda de Ferro e por Cordreanu. Os jovens da Nova Geração foram profundamente influenciados por Nae Ionescu, conhecido antissemita e apoiador da Legião do Arcanjo de São Miguel. (CALINESCU, M. *The 1927 generation in Romania: Friendships and Ideological Choices (Mihail Segastian, Mircea Eliade, Nae Ionescu, Eugène Ionescu, E. M. Cioran)*, 2002). (N.T.)

pesquisador em um dos institutos da Academia (a saber, o Instituto de História da Arte, seção de teatro).

M.D.G.: *A área de pesquisa foi utilizada pelas sociedades que operam sob o regime do “socialismo real” como isolamento dos elementos indesejáveis, que o regime gostaria de excluir do contato com os estudantes. Você estava nessa situação?*

TERTULIAN: Lutei ferozmente para salvar o meu cargo na universidade, pois eu estava profundamente convencido de que a supressão de uma vaga preenchida por meio de concurso era um ato totalmente ilegal, mas eu lutava contra moinhos de vento. Fui várias vezes recebido em audiência, por Paul Niculescu-Mizil, ministro da Educação Nacional, depois por Suzana Gâdea, ministra do Ensino Superior. Fui também recebido pelo diretor de gabinete de Cornel Burtică, então secretário da Propaganda no Comitê Central e enviei uma mensagem a Olivie Clătici, secretária do Centro Universitário de Bucareste. Mas, toda vez, recebi invariavelmente a mesma resposta, que era um pretexto que permitia justificar meu afastamento da universidade. Eu até mesmo apelei ao reitor Ciucu, que também, participou dessa farsa. O motivo invocado se baseava na declaração de Ion Ianoși, diretor do Departamento de Estética, que atestava que a carga horária disponível do curso era insuficiente para permitir a continuidade de minhas atividades. É necessário destacar que estética não era lecionada somente na Faculdade de Filosofia, mas também em diversas Faculdades de Filologia: a Faculdade de Língua e Literatura romena e a Faculdade de Línguas Estrangeiras. Toda argumentação montada pelos meus adversários não teria jamais resistido sem a participação ativa de Ianoși.

Durante o período em que eu fui objeto de medidas vexatórias e discriminatórias que me afastavam de minhas atividades universitárias habituais, qualificando-me como *persona non grata* na Universidade, paradoxalmente, eu recebi do exterior convites para participar de colóquios de estética, assim como de conferências, nas quais eu apresentaria os resultados de minhas investigações. Assim, em 1975, eu realizei uma conferência introdutória em um colóquio internacional de estética em Amersfoort (Holanda) “sobre a autonomia e heteronomia da arte”. No princípio do ano de 1977, depois do terrível terremoto que atingiu o centro do país, recebi um telegrama do Japão que me havia sido endereçado por Tomonobu Imamichi, diretor do Instituto de Estética de Tóquio (nós nos tínhamos conhecido em Upsala). Ele me colocou a par das notícias sobre as consequências do terremoto e, ao mesmo

tempo, me convidou para participar de um colóquio internacional de filosofia da arte, para o qual Paul Ricœur havia sido também convidado, assim como o esteta Helmuth Kuhn, de Munique. Mencionei um “paradoxo”: de fato, quando fui recebido pelo secretário Cornel Burtică, ele queria me assegurar que eu receberia sem dificuldades meu visto para o Japão, salientando, ao mesmo tempo, que minha saída da universidade seria irreversível, e que dali em diante seria inútil levantar de novo a questão no futuro. Anos mais tarde, me deparei com um livro de Mihail Pelin, um personagem de caráter duvidoso que teve acesso aos dossiês da *Securitate*⁴. Ali descobri um relatório da *Securitate* endereçado ao Comitê Central, no qual uma discussão em nosso apartamento da Rua Știrbei Vodă foi relatada, em que minha esposa e eu próprio havíamos mencionado a possibilidade de juntar-nos ao movimento de solidariedade à Carta 77 tcheca⁵. Compreendi então o que se ocultava por trás da decisão de minha expulsão da universidade.

Foi-me então arranjado sem dificuldade o visto para Tóquio, do qual me beneficiei muito, pois graças ao convite de Imamichi, passei um mês na capital do Japão, onde participei de seminários e apresentei uma palestra intitulada *Critică și valoare* [Crítica e valor] em um colóquio organizado pelo próprio Imamichi; uma síntese dessas atividades se encontra no texto *Interferența culturilor* [A Interferência de Culturas], reproduzido no meu livro *Perspective contemporane* [Perspectiva contemporânea] Nesse período, fui então definitivamente afastado do ensino universitário. Meu encontro com Paul Ricœur (em Tóquio eu assisti à sua conferência “Psicanálise e hermenêutica”) me foi de grande ajuda: ele publicou na *Revue*

⁴ *Departamentul Securității Statului*, a polícia secreta romena, criada em 1948 com ajuda da unidade de contrainteligência do *Narodniy Komissariat Vnutrennikh Del* (Comissariado do Povo de Assuntos Internos ou NKVD) segundo o modelo soviético. A *Securitate* foi uma das maiores (proporcionalmente à população romena) e mais brutais dentre as polícias secretas do chamado Bloco Socialista. O D.S.S. foi dissolvido depois da deposição Nicolae Ceaușescu em 1989 e suas atividades foram transferidas para outras instituições. (DELETANT, D. The Securitate Legacy in Romania. In. WILLIAMS, K. & DELETANT, D. Security Intelligence Services in New Democracies: The Czech Republic, Slovakia and Romania. Londres: Palgrave Macmillan, 2001. pp. 159-210) (N.T.)

⁵ A *Charta 77* (Carta 77) foi uma declaração demandando aos dirigentes comunistas da República Socialista da Checoslováquia o respeito não só às leis do país, mas também os princípios de direitos humanos declarados nos Acordos de Helsínquia, dos quais o governo checo era parte. A Carta 77 foi publicada em janeiro de 1977 e foi assinada por 241 personalidades da vida cultural da Checoslováquia, incluindo o futuro presidente da República Checa, Václav Havel, proeminente figura na chamada Revolução de Veludo. A divulgação da Carta 77 e [a]os signatários da declaração sofreram forte retaliação do regime tcheco. (TAMKIN, E. In Charter 77, Czech Dissidents Charted New Territory. Foreign Policy. 3 fev. 2017. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2017/02/03/in-charter-77-czech-dissidents-charted-new-territory/>. Acesso em: 14 de junho de 2023. Charter 77. Economic and Political Weekly, v. 12, n. 21, 21 mai. 1977, pp. 831-833. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4365612>. Acesso em: 14 de junho de 2023) (N.T.)

métaphysique et de morale, da qual ele era o diretor, um texto sobre a *Ontologia*⁶ de Lukács que eu havia-lhe confiado em Tóquio, e mais tarde ele apoiou minhas tentativas para conseguir um cargo de professor na França⁷.

M. D. G.: *Você teve a oportunidade de encontrar personalidades tais como Jean Starobinski, Gaëtan Picon e Herbert Marcuse. Poderia nos falar sobre as impressões que foram deixadas por eles em tais encontros?*

TERTULIAN: Certo dia, Georges Schlocker, um amigo suíço crítico de teatro, cuja mãe era de origem romena, conseguiu para mim uma viagem à Suíça. Em Zurique, fui ao famoso alfarrábio de Theos Pinkus, que era um bom amigo de Lukács e de Ernst Bloch (que conheci mais tarde em sua casa em Tübingen). À ocasião desse périplo na Suíça eu também conheci Konrad Farner, um eminente crítico de arte, grande conhecedor da arte moderna, autor de uma coletânea de textos prefaciada por Lukács, publicado nas Edições Luchterhand. Foi ainda em Zurique que conheci Hans Heinz Holz, um discípulo de Ernst Bloch, importante especialista da obra de Leibniz e formidável dialético, que eu encontraria de novo mais tarde, por ocasião de diversos colóquios.

O acontecimento central dessa viagem à Suíça, que se desenrolou na segunda metade dos anos 1960, foi o encontro com Jean Starobinski em Genebra. Personalidade proeminente na crítica literária francesa, Starobinski presidia os Encontros Internacionais de Genebra, inaugurados em 1946, aos quais ele regularmente me convidou a participar entre 1969 e 1979.

Starobinski me presenteou com sua obra *La Relation critique* [A relação crítica], na qual os princípios de seu método de análise crítica de obras literárias foram expostos com clareza e refinamento exemplares. Seu magistral estudo sobre Leo Spitzer e a crítica estilística particularmente chamaram minha atenção, dado que eu mesmo dediquei um ensaio sobre o assunto em dois números da *Viața românească* (2-3, 1957). Por ocasião de uma discussão com Starobinski, eu expressei meu desejo de conhecer seu ponto de vista acerca da crítica sociológica de Lucien Goldmann (aquilo que o autor da notável obra sobre Pascal e Racine, *Le Dieu Caché*⁸ [Deus

⁶ A *Ontologia* foi publicada no Brasil em dois volumes sob o título *Para uma ontologia do ser social*. LUKÁCS, G. *Para uma ontologia do ser social*. São Paulo: Editora Boitempo.

⁷ Esse texto foi publicado em português como TERTULIAN, N. György Lukács e a reconstrução da ontologia na filosofia Contemporânea. In. VAISMAN, E. & VEDDA, M. (org.). *Lukács - Estética e Ontologia*. São Paulo: Alameda, 2014. pp. 15-76

⁸ Referência ao *deus absconditus* de Blaise Pascal. (N.T.)

abscôndito], chamou de “estruturalismo genético”). Compreendi então o teor de suas reservas em relação ao “sociologismo” de Goldmann. Eu partilharia em grande parte suas reservas, que o próprio Lukács havia também expressado, como eu iria descobri-lo mais tarde. Quis então saber mais sobre seu ponto de vista em relação à *Estética* [*A peculiaridade do estético*] de Lukács, pois eu sabia que ele havia lido. Starobinski me confidenciou que estava em desacordo com o juízo negativo do esteta marxista sobre a psicanálise freudiana. Aliás, o último tomo de sua obra *La relation critique* foi, nesse sentido, dedicada à fecundidade da psicanálise para a compreensão da literatura.

M.D.G.: *Seu encontro com Gaëtan Picon foi tão proveitoso como foi o com Starobinski?*

TERTULIAN: Visitei Picon na segunda metade dos anos 1960, em seu gabinete de trabalho do Ministério da Cultura em Paris (sendo próximo de André Malraux, o ministro o havia nomeado Diretor Geral das Artes e das Letras). Na metade dos anos 1960, escrevi um artigo publicado na *Viața românească* que tratava de seu livro *O escritor e sua sombra*⁹. Nessa obra, Picon pretendia dissociar os “juízos de existência” dos “juízos de valor”, sua tese foi a seguinte: as obras literárias, em sua especificidade estética, são objeto de juízos de valor (elas são “valores”), de modo que todos os sistemas da estética (de Hegel a Taine e de Volkelt a Uitz) consideram-nas como “existências”, ocultando assim sua dimensão propriamente estética, que apenas o verdadeiro ato crítico pode atingir. Picon se situava assim na linhagem da tradição crítica impressionista francesa, manifestando ao mesmo tempo um certo conhecimento dos trabalhos da estética sistemática, que ele fundamentalmente rejeitava. No artigo que escrevi sobre seu livro, defendi a estética filosófica, embora não conhecesse ainda os textos de estética de referência, como aqueles de Ingarden ou de Dufrenne, por exemplo.

Durante minha discussão com Picon, fiz referência à *Estética* de Lukács, e, em seguida, o crítico francês, diretor de estudos da *École des Hautes Etudes en Sciences Sociales*, convidou-me a expor as principais ideias da estética lukácsiana em seu seminário da EHESS. No decorrer do inverno de 1970-1971, aproveitei, assim, por três meses, o convite. Era a primeira vez que eu entrava em contrato com essa instituição, que depois iria me oferecer a possibilidade de instalar-me na França. É ao finado Gaëtan Picon (falecido em 1976) que eu devo esse primeiro passo decisivo.

⁹ PICON, G. *O escritor e sua sombra*. São Paulo: Editora Edusp, 1969.

Graças a Jean de Beer, fiquei hospedado, por toda a duração da minha estada parisiense, em um quarto no apartamento do PEN-club francês. Foi ali que eu redigi minuciosamente minha intervenção, que eu iria também apresentar em outro seminário da EHESS, o de sociologia literária, conduzido por Jacques Leenhardt, o sucessor de Lucien Goldmann. Para minha enorme surpresa, Gaëtan Picon, tomando a palavra para comentar minha intervenção, insistiu especialmente no conceito de mimesis e nos valores heurísticos. Sua assistente, Geneviève Bollème, mostrou-se particularmente sensível à influência de Vico sobre Lukács e aos elogios que este fazia à grande obra do pensador italiano, *Ciência Nova*¹⁰. Picon mencionou o livro de Lukács dedicado ao romance histórico, no qual ele via um exemplo, por excelência, dos métodos do esteta húngaro.

M.D.G.: *Gostaríamos de saber como você conheceu Herbert Marcuse, e o que o levou a editar, em 1977 na Romênia, um volume reunindo seus escritos filosóficos nas edições Editura Politică.*

TERTULIAN: Conheci Herbert Marcuse em 1966 durante o Fórum d'Alpbach, em uma estância dos Alpes do Tyrol, onde anualmente, durante o verão, ocorriam os encontros internacionais, reunindo participantes do Leste e do Oeste. A Áustria era o centro do debate Leste-Oeste e, junto de D. R. Popescu, havíamos participado do Fórum de Alpbach na qualidade de delegados da União de Escritores¹¹. Foi nesse contexto que encontrei Hans Mayer, historiador e literato, que havia deixado a República Democrática da Alemanha em 1963 para se instalar na Alemanha Federal, assim como George Steiner, a quem eu iria encontrar de novo alguns anos mais tarde em Genebra, onde ele ensinava literatura comparada na Universidade. Herbert Marcuse, professor em São Diego, na Califórnia, havia sido convidado a apresentar um seminário dedicado ao seu primeiro livro sobre Hegel, *Hegels Ontologie und die Theorie der Geschichtlichkeit* [A ontologia de Hegel e a teoria da historicidade], escrito a partir de sua tese de doutorado orientada por Heidegger e publicado em 1932 (ainda que

¹⁰ VICO, G. *Ciência Nova*. São Paulo: Editora Ícone, 2017

¹¹ A *Uniunea Scriitorilor din România* é uma associação profissional de escritores romenos fundada em março de 1949 pela República Socialista da Romênia. A União foi criada pelo regime romeno para substituir a antiga *Societatea Scriitorilor Români* (Sociedade de Escritores Romenos) (Disponível em: https://en.m.wikipedia.org/wiki/Writers%27_Union_of_Romania. Acesso em: 10 de junho de 2023) (N.T.)

pareça que o autor de *Ser e Tempo*¹² não tenha na realidade verdadeiramente orientado esse trabalho).

O seminário de Marcuse em Alpbach era frequentado, principalmente, por jovens universitários da Alemanha Ocidental. Eu tive a oportunidade de conversar com Marcuse no terraço do hotel onde os convidados do Fórum se hospedavam, bem como de abordar com ele a *Estética* de Lukács, que o filósofo americano parecia conhecer. Marcuse disse-me que tinha um projeto de elaborar, por sua vez, uma síntese de suas reflexões estéticas, depois da publicação de seu livro *O Homem unidimensional*¹³ (obra que não conhecia ainda seu sucesso planetário, mas que, dois anos mais tarde, o tornaria famoso). Ele estava, contudo, insatisfeito com o hábito dos autores de tratados de estética de elaborar uma teoria diferente para cada tipo de arte. Lukács não era exceção, muito pelo contrário: na *Estética*, ele não somente tinha dividido seu tratado em diversos estudos sobre a música, a arquitetura e o cinema, mas ele analisava também as artes decorativas e mesmo a jardinagem! Marcuse realizaria seu projeto, publicando em 1977 não um tratado ou “sistema” de estética, mas um ensaio intitulado *A dimensão estética*¹⁴, situado nos antípodas da estética marxista normativa (nisso, ele se aproximava de Adorno).

Eu revi Marcuse alguns anos mais tarde, em 1969, nos “Encontros internacionais de Genebra”, onde o filósofo, já famoso (ele havia se tornado o ídolo das estudantes contestadores de maio de 1968), havia sido convidado a proferir, junto com Paul Ricœur, Raymond Aron, o cardeal Daniélou e Ignacy Sachs, uma das conferências do programa “a liberdade e a ordem social”. No dia de sua conferência, eu lhe telefonei no hotel onde estava hospedado (Hotel des Bergues, conhecido por ter sido o hotel favorito de Nicolae Titulescu, personagem central da democracia romena do entre guerras), e sugeri uma entrevista, durante a qual eu tencionava propor-lhe algumas questões acerca dos fundamentos filosóficos de seu pensamento. Ele me encontrou no dia seguinte no hotel e eu pude, de certa forma, satisfazer minha curiosidade em relação à síntese original que ele havia feito em seu magistral *Eros e civilização*¹⁵ entre a filosofia de Marx e a metapsicologia de Freud. De volta à Romênia, publiquei na *Gazeta literara* [A gazeta literária] uma resenha e um comentário sobre

¹² HEIDDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

¹³ MARCUSE, H. *O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada*. São Paulo: Editora EdiPro, 2015.

¹⁴ MARCUSE, H. *A dimensão estética*. São Paulo: Edições 70, 2007.

¹⁵ MARCUSE, H. *Eros e civilização*. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2017

os encontros de Genebra, retomado também em meu livro *Critică, estetică, filozofie* e, mais recentemente, em uma nova versão, no volume *Pourquoi Lukács*.

A edição em língua romena dos textos filosóficos (*Scierior filosofice*) de Herbert Marcuse, na qual eu escrevi uma ampla biografia intelectual, foi recebido como um acontecimento editorial: depois de 1989, Editura Trei publicou a tradução de *Eros e civilização*, a fim de continuar o que havia sido iniciado em 1977.

Autor de um livro extremamente severo intitulado *O Marxismo Soviético*¹⁶, Marcuse era muito malvisto pelos ideólogos stalinistas e neostalinistas. Na Romênia, Marcuse não era apreciado, particularmente no seio da Escola do partido “Stefan Gheorghiu”. Os representantes do establishment se mostravam ostensivamente indispostos com sua tendência libertária, assim como pelo poderoso caráter emancipador de seus escritos.

M.D.G. *Você teceu estreitas relações com Georg Lukács, frequentou sua casa em Budapeste e dedicou a ele diversos livros e estudos publicados em Bucareste, Paris, Roma, São Paulo. Você dedicou a ele uma grande parte de sua tese de doutorado em 1972. Quais lembranças você guarda da personalidade daquele que, em seus escritos — culminando com a Estética ou a Ontologia do ser social, sem esquecer dos memoráveis Teoria do Romance¹⁷ (1916) e História e Consciência de Classe¹⁸ (1923) — profundamente marcou o pensamento do século?*

TERTULIAN: É necessário sublinhar o papel do notável germanista italiano Cesare Cases na minha aproximação com Lukács. Conheci Cases em Roma em 1965, onde eu havia sido convidado por Giancarlo Vigorelli. Ele se mostrou sensível à minha curiosidade apaixonada por nosso mestre comum e escreveu uma carta ele sugerindo calorosamente que me conhecesse, sobretudo porque eu passaria por Budapeste no caminho de volta. Lukács, que muito estimava Cases e que tinha grande respeito por suas qualidades humanas e intelectuais, recebeu-me em sua casa durante minha escala em Budapeste imediatamente depois de minha ligação telefônica. A partir desse momento, todos os anos, quando chegava na capital húngara, eu era recebido para uma conversa de algumas horas com o velho filósofo, durante as quais, discutíamos suas obras e minhas interpretações diversas. Eu ouço ainda hoje a voz grave e

¹⁶ MARCUSE, H. *O Marxismo Soviético*. [S.l.]: Editora Saga, 1969

¹⁷ LUKÁCS, G. *Teoria do Romance*. São Paulo: Editora 34, 2009

¹⁸ LUKÁCS, G. *História e Consciência de Classe*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

profunda daquele que atendia o telefone para responder às minhas ligações: “*Ah! Es ist schön, dass Sie gekommen sind!*” [Ah! Que bom que você veio!]. Aconselhado por Lukács, eu também conheci seus discípulos: Agnes Heller, Ferenc Fehér, György Markus, os membros da “Escola de Budapeste”, dentre os quais alguns, depois de 1989, e sem dúvida mesmo antes, foram progressivamente se afastando de sua herança espiritual. Lukács insistia que eu redigisse minha tese de doutorado sobre sua estética. Infelizmente, eu a terminei a defendi após sua morte (em junho de 1971). Contudo, meu primeiro trabalho de síntese sobre sua obra (antes da publicação da *Ontologia*) foi publicada em 1969. Tratava-se de uma introdução a uma seleção de seus estudos de história literária, publicada na *Edições Univers* e traduzida do húngaro no periódico *Kortars* (um fragmento) e em versão integral no periódico *Magyar Filozofiai Szemle* (3-4, 1970). Na França, o texto foi publicado no periódico *L’Homme et la Société* no número de abril de 1971¹⁹. Lukács o leu em sua versão em húngaro e durante minha última visita, em março de 1971 (ele faleceu em junho do mesmo ano), fez questão de dizer, quando nos cumprimentávamos, que meu estudo situava com justiça a virada na evolução filosófica e política de seu ensaio *Tática e Ética*, publicado em 1919.

As conversas com Lukács eram sempre um verdadeiro festim intelectual e, como observaria o poeta Stephan Spender em um texto publicado no periódico *Encounter*, *Depois de uma visita à casa de Lukács*, sua voz soava como a de um “milionário do saber”, possuído por “*die Bildung*”, um demônio da “cultura”, como certa vez constatou Thomas Mann em seu texto de homenagem publicado por ocasião do septuagésimo aniversário do crítico e filósofo.

Conversávamos em francês, mas durante uma visita que fiz com minha esposa, Georgeta Horodincă, em um certo momento ele interrompeu seu inesgotável discurso e, pedindo licença a Georgeta, continuou sua exposição em alemão, língua na qual ele escrevia, julgando que assim poderia expressar suas ideias filosóficas de maneira mais adequada.

Seu ponto de vista sobre seus contemporâneos muito me interessava, sobretudo aqueles da Escola de Frankfurt, como Adorno ou Marcuse, bem como sua opinião sobre Martin Heidegger, e particularmente sobre a possível influência de seu

¹⁹ Esse texto foi publicado no Brasil como capítulo do livro *Georg Lukács: Etapas de seu pensamento estético*, São Paulo, Editora Unesp, 2003, pp 23-65 (N.T.)

famoso livro *História e consciência de classe* (recentemente traduzido em romeno por uma editora de Cluj) sobre os principais escritos do filósofo alemão: *Ser e tempo* (de a tese favorita Lucien Goldmann). Eu me interessava também pela evolução de suas opiniões sobre Sartre e Merleau-Ponty etc.

Um dia, em uma conversa com Lukács, mencionei as posições de Adorno. Eu tinha em mente o ataque virulento do pensador da Escola de Frankfurt em seu famoso texto *Erpresste Versöhnung* [*Uma reconciliação extorquida*] contra as teses de Lukács expostas em seu opúsculo *Significado presente do realismo crítico* (1957). Discutindo a obra de Beckett, celebrada por Adorno *urbi et orbi*, mas ao mesmo tempo alvo principal das críticas de Lukács (ele visava sobretudo o romance *Molloy*²⁰), referi a afirmação de Adorno em relação ao caráter “objetivo-polêmico” dos personagens beckettianos. O semblante de Lukács se tornou grave e ele murmurou: “mas onde ele vê a polêmica?”. Na *Estética*, há uma passagem muito eloquente que traduzia a expressão de seu próprio ponto de vista, em que Lukács opõe *O Processo*²¹ de Kafka, dessa vez objeto de um vibrante elogio, ao romance de Beckett citado acima, rejeitado por ele. Permita-me citar essa passagem, que a literatura crítica dedicada ao ponto de vista de Lukács sobre a obra de Kafka frequentemente omite a menção: [“Isto distingue [...] *O processo* de Kafka do *Molloy* de Beckett; em *O processo*, o incógnito absoluto do homem particular aparece como uma anormalidade indignante, evocadora de indignação, da existência humana, ou seja, ainda que negativamente, sobre a base do destino e a sorte da espécie, enquanto Beckett se instala auto satisfeito na particularidade fetichizada e absolutizada”]²². Nas páginas finais de *Um dia na vida de Ivan Denissovich*²³, o estudo elogioso dedicado ao livro de Soljenitsyne, Lukács retorna à oposição que ele estabeleceu entre Kafka e Beckett (em um outro contexto, ele estabelecerá uma filiação ideal — e surpreendente! — entre Swift e Kafka), em oposição total com a posição de Adorno, que, no estudo da peça de Beckett, *Fim de Partida*²⁴, afirma que existe uma continuidade entre Kafka e Beckett.

M.D.G.: *Como evoluíram as relações entre Adorno e Lukács?*

²⁰ BECKETT, S. *Molloy*. São Paulo: Editora Biblioteca Azul, 2014.

²¹ KAFKA, F. *O Processo*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2005.

²² A tradução desse trecho foi feita utilizando como referência a edição espanhola, cf. LUKÁCS, G. *Estética I: la particularidad de lo estético. Tomo 2: problemas de la mimesis*. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1966 (N.T.)

²³ SOLJENITSYNE, A. *Um dia na vida de Ivan Denissovich*. São Paulo: Editora Siciliano, 1995.

²⁴ BECKETT, S. *Fim de Partida*. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2010.

TERTULIAN: É possivelmente a ocasião para eu mencionar que Adorno, na juventude, considerava Lukács como o pensador mais influente (por muito tempo, ele não faltava com elogios em relação à *Teoria do Romance e História e consciência de classe*). Com os anos, as coisas mudaram. Um pequeno episódio poderia ilustrar essa virada de opinião. Na Itália, eu procurava o livro de um ensaísta e filósofo, Tito Perlini, intitulado *Utopia e prospettiva in György Lukács [Utopia e perspectiva em György Lukács]*, publicado em 1968. Eu o comprei com a ideia de presentear-lo a Lukács, pensando que poderia interessá-lo. Com efeito, ao folheá-lo, ele modestamente exclamou: “uma obra tão grande sobre mim!”. Contudo, ao saber por meio de Cases que Perlini havia sido discípulo e admirador de Adorno, ele se retratou: “nesse caso, não há muito o que se esperar!”. De qualquer forma, ele não conhecia suficientemente italiano para lê-lo.

M.D.G.: *Sei que você teve oportunidade de conhecer Adorno. Você abordou com ele a questão de suas relações com Lukács?*

TERTULIAN: No outono de 1966, depois de ter participado das excelentes jornadas *Teilhard de Chardin* em Vézelay²⁵, aproveitei minha viagem ao Ocidente para ir à Alemanha Federal e conhecer a famosa Feira do Livro de Frankfurt, uma verdadeira revelação para um jovem filósofo como eu, proveniente do outro lado da cortina de ferro. Mas Frankfurt era também a sede do Instituto de pesquisa social fundado por Horkheimer e Adorno. Reuni coragem e telefonei à sede do Instituto para solicitar uma reunião com Adorno. Foi-me concedido o encontro e, no dia seguinte, fui recebido pelo autor da *Dialética negativa*²⁶, trabalho de síntese filosófica cuja publicação havia sido anunciada concomitantemente à Feira do Livro.

M.D.G.: *Como se passou a discussão com Adorno?*

²⁵ Organizadas nos anos 1960 pela Associação Teilhard de Chardin, as *joursées* Teilhard de Chardin ocorriam na cidade de Vézelay na França e propunham aos participantes o estudo e discussão da obra do padre jesuíta francês Pierre Teilhard de Chardin. Esses eventos atraíam um grupo dos mais variados de franceses e estrangeiros (sobretudo estrangeiros provenientes do outro lado da Cortina de Ferro, como o próprio Tertulian), contando com a presença de clérigos católicos de diversas ordens (jesuítas, dominicanos, franciscanos, carmelitas,...), de teólogos protestantes, judeus e ortodoxos, bem como de marxistas e cientistas de diversos campos. (MADAULE, J. Des conférenciers hongrois et polonais soulignent l'intérêt de l'œuvre de Teilhard pour les catholiques vivant derrière le rideau de fer. *Le Monde*, 20 set. 1963. Disponível em: https://www.lemonde.fr/archives/article/1963/09/20/des-conferenciers-hongrois-et-polonais-soulignent-l-interet-de-l-uvre-de-teilhard-pour-les-catholiques-vivant-derriere-le-rideau-de-fer_2204067_1819218.html) (N.T.)

²⁶ ADORNO, T. *Dialética Negativa*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2009

TERTULIAN: Em razão de meu atraso, a discussão durou menos tempo do que eu teria desejado... Eu estava hospedado em Darmstadt e Frankfurt havia sido tomada de assalto por visitantes, e avalei mal a duração do trajeto de trem entre Darmstadt e Frankfurt... Adorno imediatamente chamou atenção para minha falta de pontualidade. Entrei então imediatamente *in media res*: seus embates com Lukács. Eu me permiti perguntar se a publicação de seu texto fortemente polêmico *Uma conciliação extorquida* (publicado pela primeira vez em 1958 em um periódico de Berlim Ocidental *Der Monat*) havia sido oportuna. Lukács havia retornado à Budapeste em 1957, depois de sua deportação de seis meses com Imre Nagy para Snagov, na Romênia. Foi então alvo de ataques por parte do establishment stalinista por ter participado do círculo Petöfi e do governo insurgente de Nagy, como ministro da Cultura. Adorno respondeu que o conflito com o filósofo marxista tinha sido provocado pelo próprio Lukács, que o havia mencionado em um texto publicado em 1956 sob o título *A luta entre o progresso e a reação na cultura contemporânea*²⁷. Essa havia sido a primeira vez, que eu saiba, que Lukács mencionava Adorno, que ele definia como “importante crítico e teórico alemão”, adicionando: “um campeão (*ein Vorkämpfer*) da música decadente”. Pode-se compreender que tal formulação pudesse ter provocado uma reação violenta da parte de Adorno. Foi a isso que ele se referia na resposta que me deu. Na verdade, em sua palestra, Lukács fez referência a um texto de Adorno do volume *Dissonanzen* (1956), intitulado *Das Altern der neuen Musik* [o envelhecimento da nova música], que ele usava de argumento em prol de sua tese acerca do esgotamento presumido dos recursos da vanguarda. Adorno estava verdadeiramente pouco disposto a conceder qualquer crédito às formulações de Lukács do tipo “música vanguardista decadente”, que situavam desde o início Schönberg no centro dessa corrente, de igual modo que ele [Adorno] recusava seu argumento sobre a decadência (“envelhecimento”) da música de vanguarda.

Quando perguntei se ele conhecia a *Estética* de Lukács, obra que sintetizava a evolução mais recente da visão estética do filósofo húngaro (os dois volumes foram publicados em 1963 pelas edições Luchterhand na Alemanha Federal), Adorno respondeu ter tomado conhecimento do livro. Pareceu-lhe ser de fato uma grande obra do autor, mas, estando assoberbado pela redação da *Dialética negativa*, obra que o

²⁷ Publicado em português na coletânea COUTINHO, C. & NETTO, J. (org.). *György Lukács, socialismo e democratização – escritos políticos (1956-1971)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

havia completamente absorvido no decorrer dos últimos anos, ele não tinha tido tempo de mergulhar meticulosamente na *Estética* lukácsiana.

Eu teria apreciado saber mais sobre a *Dialética negativa*, essa síntese de sua evolução filosófica, mas o pouco tempo que nos restava não me permitiu satisfazer minha curiosidade.

Mais tarde, na minha casa, comecei a estudar atentamente a *Dialética negativa*. Nesse meio tempo, sua obra póstuma *Teoria Estética* (1970)²⁸ foi publicada: foi o primeiro estudo publicado na Romênia sobre os escritos fundamentais de um dos fundadores da Escola de Frankfurt. Mais tarde, na França, eu iria publicar em 1983 no periódico *L'Homme et la société* um artigo intitulado *Réflexions sur la Dialectique négative* [Reflexões sobre a Dialética Negativa], que atrairia a atenção de Jean-François Lyotard, ele próprio interessado pela obra filosófica de Adorno.

Como revela sua correspondência, Lukács, de sua parte também, postergou a leitura da *Dialética negativa*, que lhe havia sido recomendada por Agnes Heller. Por volta do fim do ano de 1969, por ocasião de minha visita anual, eu descobri, não sem surpresa, que ele havia decidido ler esse livro. Digo “surpresa” porque, apesar de sua idade avançada (ele acabava de completar 84 anos), ele não recuou diante da leitura desse texto árduo e às vezes muito entediante. “Adorno nega aquilo que constitui a essência do ato livre: a escolha de caráter alternativo”, confiou-me Lukács. Quando lhe perguntei onde se manifestava uma tal recusa da alternativa, Lukács tirou da estante de sua biblioteca o volume e indicou a manifestação dessa recusa adorniana da alternativa na página 233, em uma nota de rodapé. Em uma das páginas seguintes, na qual Adorno analisava “a morte depois de Auschwitz”, ele anotou uma só palavra: Semprún. Lukács opunha ao pessimismo abissal de Adorno o exemplo de Semprún, *A grande viagem*²⁹, no qual, a atitude corajosa do herói confrontada com a situação limite de sua deportação para os campos de concentração, era edificante aos seus olhos (contrariamente a Cesare Cases, que não partilhava de seu entusiasmo). Relembrei esse episódio de minha visita a Lukács em uma página de meu artigo *Correspondance inédite de Georg Lukács* [Correspondência inédita de Georg Lukács], publicado no periódico austríaco *Neues Forum*, depois na França no periódico *Europe*.

Sobre minha apreciação mais global sobre Lukács, eu remeto à obra

²⁸ ADORNO, T. *Teoria Estética*. São Paulo: Edições 70, 2008.

²⁹ SEMPRÚN, J. *A Grande Viagem*. Rio de Janeiro: Editora Bloch, 1973.

recentemente publicada em francês *Pourquoi Lukács?*³⁰

Como citar:

GHEORGHIU, Mikai Dinu. Itinerário e encontros com Marcuse, Lukács, Adorno
Entrevista com Nicolas Tertulian. *Verinotio*. Rio das Ostras, v. 28, n. 2, pp. 414-428;
jul-dez, 2023.

³⁰ Edição brasileira Tertulian, N. *Por que Lukács?* Tradução de Juarez Torres Duayer. São Paulo: Boitempo editorial, 2023.